

Outorga de título de professora emérita - discurso da homenageada

Eva Waisros Pereira
Universidade de Brasília

Boa tarde a todos e a todas!

É com satisfação que saúdo o Reitor da Universidade de Brasília, prof. Ivan Marques de Toledo Camargo, que preside esta solenidade de outorga do título de Professora Emérita que me foi concedido pela instituição e, na pessoa dele, cumprimento a Vice-Reitora, prof.^a Sonia Nair Bão, e os Decanos que nos honram com a sua presença.

Cumprimento as autoridades presentes, respeitáveis homens públicos ligados a Brasília, cujos nomes deixarei de declinar para evitar possíveis omissões, ressaltando que a eles sempre recorreremos em busca de apoio.

Formulo cumprimentos fraternos aos colegas da Mesa: prof.^a Carmenísia Jacobina Aires, diretora da Faculdade de Educação, e prof. Antônio Fávero Sobrinho, vice-diretor desta Faculdade, que se empenharam para que esta solenidade se realizasse neste recinto histórico da Universidade de Brasília.

Em especial, saúdo o prof. José Geraldo de Souza Júnior, ex-reitor da Universidade de Brasília, que acaba de proferir um discurso extremamente generoso sobre a minha pessoa e a atividade profissional que venho desenvolvendo nesta instituição, particularmente no que se refere à minha participação no projeto de reconstituição e preservação da memória da educação do Distrito Federal.

É com carinho e amizade que saúdo também os colegas que me honraram com a sua participação na comitiva que me acompanha neste evento: as professoras Laura Maria Coutinho, Maria Luiza Pinho Pereira, Maria Alexandra Militão Rodrigues e Maria Rosa Abreu de Magalhães, que protagonizaram a indicação do meu nome para a concessão do título de Professora Emérita; a prof.^a Cinira Maria Henriques Nóbrega e o prof. Francisco Heitor de Magalhães Souza, pesquisadores entusiastas da educação do Distrito Federal; a querida Maria Paula de Vasconcelos d'Escaragnolle Taunay, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação; e Renée Gunzburger Simas, brilhante e combativa professora pioneira em Brasília.

Agradeço imensamente a presença dos colegas professores, estudantes e funcionários desta Universidade, assim como a dos docentes de escolas públicas de Brasília que aqui se encontram, especialmente os professores pioneiros que hoje nos honram com o seu comparecimento.

Agradeço a presença de tantos amigos e parentes, destacadamente, a minha família, que sempre me apoia e prestigia: o meu marido, José Oscar Pelúcio Pereira,

companheiro de todas as horas ao longo de uma convivência que ultrapassa meio século; os meus filhos, Paulo Guilherme, Denise, Marina e Cláudia; os meus genros, Jorge, Eudoro e Júnior; e os meus netos, Fernanda, Guilherme, Leo, Lucas, Luciana, Luísa, Caio e Mila, que acaba de nos brindar com uma linda canção.

Nesta oportunidade, quero registrar meus agradecimentos a Cláudia Melo e Anderson Brito, da Coordenação do Cerimonial da Universidade de Brasília, pela competente organização e condução deste ato.

Sinto-me sobremodo honrada pela outorga do título de Professora Emérita pela Universidade de Brasília. Confesso que, para mim, foi uma surpresa a iniciativa dos colegas da Faculdade de Educação em indicar o meu nome para tal distinção. Devo dizer que admiro e respeito a seriedade do trabalho dos professores desta Casa no desempenho de suas múltiplas atividades profissionais, razão pela qual desejo compartilhar com eles a homenagem que ora recebo.

Estendo a minha gratidão ao Conselho da Faculdade de Educação pela aprovação da proposta de outorga do título de Professora Emérita que me está sendo concedido. Agradeço, particularmente, às colegas professoras Laura Maria Coutinho, Maria Alexandra Militão Rodrigues, Maria Luiza Pinho Pereira e Hέλvia Leite Cruz, que formularam a proposição inicial para a concessão deste título.

Pela manifestação de apoio à iniciativa, agradeço ainda aos professores Antonio Ibañez Ruiz, ex-reitor da UnB, e Erasto Fortes Mendonça, ex-diretor da Faculdade de Educação, ambos atualmente membros do Conselho Nacional de Educação; à prof.^a Ivany Rodrigues Pino, presidente do Centro de Estudos, Educação e Sociedade; ao embaixador Raul de Taunay e à embaixatriz Maria Paula de Almeida Vasconcelos d'Escaragnolle Taunay; ao professor e jornalista Jarbas Silva Marques, vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Brasília; às professoras Maria Rosa Abreu, coordenadora do GT Mobilidade Sustentável/UnB, e Zuleide Araújo Teixeira, assessora técnica da liderança do Partido dos Trabalhadores no Senado Federal nas áreas de educação, cultura e esporte; bem como ao professor Francisco Heitor de Magalhães Souza, coordenador de Avaliação Institucional da Universidade Estadual de Goiás; aos professores Aurélio Anchises R. de Souza e Maria José Ribeiro, ex-diretores do Sindicato dos Professores do Distrito Federal, e Maria Cristina Costa Cardoso, ex-dirigente da Associação dos Orientadores do Distrito Federal.

Agradeço, por último, ao Conselho Universitário da Universidade de Brasília, em especial à prof.^a Izabela Costa Brochado, Diretora do Instituto de Artes, que, designada parecerista sobre a matéria junto ao Consuni, ratificou a decisão da Faculdade de Educação. Após o relato do seu parecer, Izabela, ainda na tribuna, fez um depoimento carinhoso, em que revelou ter sido minha aluna e, como tal, considerava-me merecedora do título. Enfim, agradeço aos professores José

Mauro Barbosa Ribeiro, Antonio Fávero Sobrinho e Maria Madalena Torres, bem como à Decana de Extensão, Prof.^a Thérèse Hofmann, que se manifestaram na reunião do Consuni em apoio à minha indicação.

Extremamente sensibilizada, agradeço a generosidade do gesto, que se engrandece por ser de iniciativa de uma das mais importantes instituições de ensino superior do País. Sua história singular, construída ao longo dos cinquenta anos de sua existência, traz as marcas indelévels do idealismo dos intelectuais que sonharam – e dos que ainda continuam a sonhar – com a educação como projeto de Nação, fundada na justiça social, na solidariedade, na paz e no progresso das ciências e das artes, em benefício da humanidade. Protagonizada por educadores do porte de Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira para ser um *locus* de desenvolvimento de altos estudos e de formulação de propostas para subsidiar o Estado brasileiro na solução dos grandes problemas nacionais, a Universidade de Brasília sofreu reveses em seus propósitos e a brutal interrupção de práticas educacionais inovadoras, logo nos primeiros anos de sua trajetória histórica, por força da coerção policial que lhe impingiram no período da ditadura militar e que transformou seu *campus* numa verdadeira praça de guerra contra os estudantes e seus professores.

Os novos ares trazidos pela redemocratização do País renovam as esperanças, despertam a consciência dos brasileiros e propagam a fala dos até então silenciados. Em meio a dificuldades e contradições, a Universidade de Brasília renasce, com todo vigor, num processo democrático e participativo de refundação, até recentemente conduzido pelo ex-reitor, Prof. José Geraldo de Sousa Júnior, que certamente terá continuidade na atual gestão da UnB. A seriedade e a vontade política que amalgamam esse processo e aproximam o pensamento atual às ideias fundadoras da instituição restituem-lhe a dignidade.

Pessoalmente, serei eternamente grata à Universidade de Brasília por ter-me acolhido como docente e proporcionado valiosas oportunidades de estudo, que fortaleceram a minha formação acadêmica na área da educação, possibilitando-me, inclusive, frequentar universidades estrangeiras. Destaco, sobretudo, a relevância das experiências que aqui pude vivenciar no exercício do magistério, particularmente no convívio com colegas-professores e, sobretudo, no contato diuturno com meus alunos, que me permitiram alargar a minha história de vida pessoal e profissional.

Para mim, ser professora por si só representa um título bastante significativo, em face da relevância da função social que cabe ao profissional do magistério desempenhar na formação das novas gerações. É enorme a responsabilidade de, permanentemente, à medida que a sociedade se transforma, e é transformada pela ação humana, buscar e percorrer novos caminhos para promover a educação

das nossas crianças, jovens e adultos, na perspectiva de, cada vez mais, ampliar a humanização do homem, o seu bem-estar, a justiça social e a solidariedade, de modo a contribuir para elevar a humanidade a novos patamares de convívio social.

Pensar a educação hoje implica analisar a trajetória que vimos perseguindo ao longo do tempo, a fim de consolidar avanços e buscar a superação dos obstáculos que impedem ou dificultam o desenvolvimento humano e social, causando o retrocesso de ideias e de ações inovadoras e a perda de direitos já consagrados. Muitas vezes – o que é mais grave –, as barreiras que se interpõem ao progresso e bem-estar social são impostos por meio da violência e da barbárie.

Basta lembrar a trágica hecatombe que marcou o século XX e enlutou a humanidade com os seus milhões de mortos, perseguidos e subjugados pelo terror do nazismo, sob a invocação de razões raciais, políticas, religiosas e outras formas de discriminação inaceitáveis, mediante as quais se dissimulam os verdadeiros objetivos da guerra: a conquista do poder e dominação econômica, política e cultural.

Diante de catástrofes como essa, cujos determinantes advêm da própria estrutura e dinâmica da formação social capitalista, que no atual estágio de globalização amplia o conflito de interesses entre as nações, há de se indagar: Como foi possível à humanidade chegar a esse ponto? Como explicar tamanha atrocidade? O que induziu cidadãos comuns dos países agressores a aderirem cegamente a essa guerra sangrenta? Como explicar tal alienação? O que falhou na educação? Em que se errou? Como proceder para que jamais se repitam massacres dessa natureza?

Será que – conforme sugere Nóvoa – é o caso de se repensarem as bases da nossa educação humanística de modo a assegurar uma formação verdadeiramente emancipatória do ser humano? Ou ainda, como preconiza Boaventura Santos, não há que se reinventar o conhecimento-emancipação e conceber uma utopia crítica que considere, ao mesmo tempo, a autonomia e o respeito às diferenças?

Lamentavelmente, tantos outros acontecimentos têm penalizado a sociedade com privação da liberdade, extinção de direitos e de valores humanos, aumento da desigualdade social e a degradação ambiental, que coloca em risco a própria existência humana... Ainda pairam entre nós as tristes lembranças da repressão instaurada pela ditadura militar em nosso País, a partir de 1964, num cenário marcado por perseguição, prisão, tortura, assassinato, cassação e exílio, além de tantas outras iniquidades cometidas contra cidadãos brasileiros indefesos.

Não obstante, sem nunca esquecer o passado sombrio, somos impelidos pela vida a seguir nossa caminhada, movidos pela esperança no devir, num horizonte carregado pela utopia de um mundo melhor.

Com a democracia e a liberdade instauradas novamente no País, floresce um

movimento vetor de mudanças, visando superar o conservadorismo e os processos de desumanização. Certamente não faltarão aos brasileiros a coragem e a determinação para transformar essa realidade e criar alternativas para o futuro.

É dessa reconstrução que nós, educadores, somos chamados a participar, conscientes, porém, de que se trata de um duplo movimento, de mudança e de combate, no qual a Universidade desempenha um papel fundamental, pelo potencial de “massa crítica” que reúne e produz, pela ousadia de assumir uma atitude de resistência e, sobretudo, pela incessante busca de conhecimento e capacidade de criação, que configuram a sua razão de ser.

Na atualidade, o principal foco de combate tem sido as tentativas de transposição de princípios economicistas para o interior da Universidade, que contribuem para a sua mercantilização. Embora o apoio das empresas às instituições universitárias seja bem-vindo, a incursão no ensino superior de uma lógica empresarial, que sobreponha o valor econômico imediato a outros valores humanos essenciais, representa um sério risco de massificar o ensino superior à custa da qualidade da formação. Essa lógica produtivista orienta ações gestionárias bastante questionáveis, como a promoção de *rankings* e o acúmulo de demandas que levam à intensificação do trabalho docente, submetendo a profissão acadêmica ao controle imposto pelo sistema de avaliação nas universidades. Tais medidas, desumanizadoras, colocam-se na contramão de uma educação emancipadora, pois descaracterizam a instituição universitária e afastam-na de seus propósitos maiores.

O fracasso dessa política acha-se claramente expresso no livro de Ravitch. Pesquisadora-doutora da Universidade de Nova Iorque e proponente de soluções baseadas na lógica do mercado, cuja aplicação defendera durante a sua gestão em cargos públicos no Departamento de Educação dos Estados Unidos e agora retira seu apoio, criticando seus pressupostos ideológicos e denunciando seus resultados, que contribuíram para agravar a crise da educação pública americana.

Ora, por que trilhamos os mesmos caminhos que, fora do Brasil, conduziram a educação pública ao insucesso?

Diante desse panorama, as mudanças se impõem! É necessário afirmar a autonomia universitária, a independência e o espírito crítico, a liberdade das instituições, a liberdade das pessoas, a liberdade do futuro.

E, no bojo desse movimento de transformação, nada mais justo do que dedicar o cinquentenário da UnB aos professores e estudantes brasileiros que, no passado recente, em luta pela defesa da liberdade, tiveram seus percursos acadêmicos interrompidos, por meio de afastamento compulsório, demissão, prisão, tortura, desaparecimento e morte, como é o caso de Honestino Guimarães – saudoso estudante desta Universidade.

Outra questão relevante desta ação transformadora é a abertura da universidade para a sociedade, uma universidade ligada à cidade, a coisa pública. Não basta produzir conhecimentos, é preciso transformar o saber em invenção e inovação. É necessário, sobretudo, valorizá-los do ponto de vista social.

É nessa perspectiva que formulamos a proposta de criação do Museu da Educação do Distrito Federal. A iniciativa emerge de um trabalho coletivo de pesquisa desenvolvido por uma equipe multidisciplinar e interinstitucional, ao longo de mais de uma década, e visa reconstituir e preservar a memória e contribuir para a escrita da história da educação da Capital brasileira, desde o período de sua fundação, quando aqui se implantou o projeto revolucionário de educação proposto pelo educador Anísio Teixeira.

Os primeiros anos da educação do Distrito Federal foram marcados pelo idealismo desse plano, pelo compromisso de seus professores, com o apoio da população e do governo. A importância desse momento na história da cidade e do País não pode se perder no tempo. A preservação da memória dessa experiência exitosa na educação brasileira merece um espaço de contemplação e reflexão das intenções e das práticas desenvolvidas naquela época.

Resguardar o patrimônio imaterial desse passado recente e colocá-lo permanentemente em exposição para a população de Brasília no Museu da Educação do Distrito Federal trará à memória coletiva do cidadão brasiliense o reconhecimento de sua história educativa. Essa memória revisitada representará – especialmente para o professor da escola pública do Distrito Federal – oportunidade de valorização profissional e de fortalecimento de sua identidade docente. Os espaços do Museu, projetados com recursos tecnológicos e interativos, apresentarão as experiências profissionais vividas pelos professores pioneiros, protagonistas dessa história, levando o professor contemporâneo a uma releitura de seu papel social, engajando-o no processo de construção de novas utopias.

Essa ideia, nascida na UnB, agora pertence à cidade de Brasília, É com alegria que hoje podemos anunciar o compromisso do Governo do Distrito Federal na realização desse projeto. Com a perspectiva de financiamento pelo GDF, os primeiros passos estão sendo dados para a reconstrução da Escola Júlia Kubitschek – primeira escola pública de Brasília –, que deverá ser a sede do Museu da Educação do Distrito Federal.

É importante ressaltar que essa realidade é fruto de uma articulação entre instituições do Governo do Distrito Federal – Secretaria de Educação, Secretaria de Cultura, Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos, Arquivo Público e Administração Regional da Candangolândia – e outras, como Instituto Brasileiro de Museus, Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – DF, Instituto

Histórico e Geográfico do Distrito Federal e Fundação Darcy Ribeiro, que integram o Conselho Gestor para a Criação e Implantação do Museu da Educação do Distrito Federal.

Notícia alvissareira que me foi hoje repassada pelo Senhor Secretário da Casa Civil do GDF, Dr. Swedenberger Barbosa, aqui presente, é que, nesta data, está sendo encaminhado à publicação, no Diário Oficial, o Termo de Cooperação Técnica e o respectivo Plano de Trabalho, com vistas à construção do Museu, cuja inauguração está prevista para 21 de abril de 2014 – em comemoração ao aniversário de Brasília.

A réplica da Escola Júlia Kubitschek será construída em madeira, conforme projeto original de Oscar Niemeyer, e se localizará na Candangolândia. Essa escola foi inaugurada em 15 de outubro de 1957 e constituiu-se no embrião da experiência inovadora proposta por Anísio Teixeira para a Capital do Brasil. A sua edificação em madeira remete à imagem inicial da construção da cidade, resgatando o panorama de acampamentos que então abrigaram a população que aqui chegava de todo o País, em busca de oportunidades de trabalho e encontrando, na educação, reais condições para a mobilidade social. Por razões históricas, essa escola representará, por si só, a mais valiosa peça do Museu da Educação do Distrito Federal.

Honrada pelo reconhecimento de méritos profissionais a mim atribuídos, compartilho com os presentes a responsabilidade que devemos ter para com esse Museu, uma semente que merece ser cuidado com amor, idealismo, compromisso e empenho de todos.

Muito obrigada!